Salomão Rovedo

Duelo de farelos

Rio de Janeiro
2017

Salomão Rovedo

Duelo de farelos

(Conto)

Rio de Janeiro
2017

Lusitano, apesar dos oitenta e tantos anos, rebocando a tiracolo o cãozinho Tito, anda ereto como um babuíno: os ombros desempenados desviando o olhar do chão para as coisas em volta. É roteiro preconcebido que percorre todos os dias, mal bate o sino da igreja a matina das seis. Aliás, quando o badalo de aço faz soar o bronze do sino ele já está de pé. Lava o rosto, escova a dentadura, assoa o nariz, uma narina de cada vez, expele a gosma catarrenta que durante a noite acumula na garganta (herança da época que fumava um maço de cigarros por dia), põe a cabeça sob a bica alguns segundos para gozar a água fria da manhã.

Antes de tudo ele limpa a língua com bambu que compra do chinês no Jardim do Meier e bebe um copo de água bem gelada para dar arrotos e peidos seguidos. Tito a essa altura já se esfrega em suas pernas, grunhe, late, como que alertando que é hora de comer ração e descer para a rua, onde poderá cagar e mijar à vontade. Mas o cachorrinho terá que esperar que o velho tome todos os comprimidos de uso contínuo, faça o café, passe margarina no pão, esquente o leite e coma a breve refeição assistindo Bom Dia Rio de Janeiro na TV. Só depois de se atualizar com os tiroteios, as mortes, os assaltos e atropelamentos, aí sim, lava todas as louças que sujou, põe a coleira no Tito, arruma o chapéu de palha na cabeça e se encaminha ao elevador de serviço.

Agora Lusitano irá cumprir o roteiro de calçadas, becos, postes e árvores, que Tito determinou ao demarcar a área de abrangência mijando sobre a urina de outros cachorros. Além de conversar com Tito como se fosse gente, Lusitano cumprimenta os amanhecidos tirando o chapéu. Fala com as crianças, com os rapazes e moças que chegam da balada entorpecidos, sapatos nas mãos, agarrados como namorados, com os olhos avermelhados e mortiços pela energia gasta. Depois Lusitano voltará para casa e o dia se esvanecerá entre ouvir rádio, ver televisão e dormir breves lapsos de tempo, por culpa do diabetes ameaçador. Quando ouve ruído na cozinha

sabe que Alzyra chegou. Ela tem chave própria e entra pela porta dos fundos em silêncio pressupondo que todos dormem.

Quando ela chega, cumprimenta o madrugador Tito, liga o rádio. Já trocou de roupas e agora usa um vestido mais leve, que a deixa seminua e vai procurar onde Lusitano anda para dar bons dias e perguntar como está passando, bem sabendo com certeza que ele está deitado fingindo dormir. Alzyra é mulata, portelense, que trabalha saracoteando a bunda grande em passinhos, ao ritmo do samba que toca no rádio. Lusitano aproveita a deixa e vai até a cozinha se valer do café fresquinho que Alzyra faz, preto como o diabo, bebe uma xícara pequena, beija a mulata no rosto, olha os peitos pelo decote, admira o volume da bunda e volta para o sofá na sala onde imagina que fuma um cigarro.

Entretanto, ele fica de olhos atentos ao movimento da mulata em sua faina: quando ela se move os peitos saltam, a alça da blusa se solta e os bicos negros cegam a visão dele. Quando Alzyra se abaixa para limpar os lugares mais recônditos é a hora em que Lusitano estará sempre alerta – pois assim terá a visão mais maravilhosa do dia: a réstia da calcinha branca se perdendo entre as nádegas. Lusitano se masturba com as mãos sobre as calças. Alzyra espia com o canto dos olhos soltando largas gargalhadas, canta e samba, samba e canta. É essa a melhor parte do dia do velho e demora até que Alzyra termine o trabalho e se mande logo em seguida com um sonoro e alegre até amanhã. A partir daí ele sonha.

– Ah se eu tivesse essa mulata na minha cama!

No momento Lusitano está sozinho, tendo Tito por companhia, mas sua consorte inseparável foi Myriam, mulher orgulhosa e desbocada, com quem ele viveu casado até que a morte dela os separou. Não faz muito tempo, não. Quem

relembra sentia inveja daquele casal de velhinhos simpáticos, casados desde sempre que caminhava, ia à missa e reuniões sociais sempre juntos. Um exemplo! Era isso o que diziam as aparências, enquanto o casal cumpria seu papel social. Mal os dois atravessavam o portal do pequeno apartamento, o silêncio amargo, as carrancas medievais impregnavam o ambiente. Falavam por sobrolhos, pigarros, rilhar dos dentes, olhares criminosos, palavrões sussurrados e replicados com ódio.

E quem pensa que a esse estado de coisas o casal chegou por ofensa grave, insulto indesculpável, afronta ao matrimônio, injúria sem perdão ou ultraje irredimível se engana. Para falar a verdade a causa original da discórdia se perdeu no tempo. O acúmulo de pecadilhos desimportantes é que deu asas para que os dois – já predispostos pelas rusgas do tempo – criassem o ambiente amargo que tomou conta da vida como erva daninha. Eis a fotografia exata do outono dos anciões. Casaram-se jovens, com beleza e atrativo mútuos, hoje são folhas sáfaras de samambaia, irrecuperáveis, caídas no chão seco e sem dono.

A cor da ferrugem substituiu os sonhos azuis, o ramo de flores do campo secou no vaso, as palavras são como balas perdidas, a voz é dura como pregos, mortal como a cicuta. Natureza morta de jeito estranho, a pele macia de Myriam hoje está seca – repete a casca de maracujá: quando madura foi lisa de brilhante amarelo. Não só a cútis engelhou, também franzido e encrespado se tornou a alma, o relacionamento de ambos. Lusitano é exemplo de que também o ser humano faz parte da natureza morta – infinita natureza. Como desdenhar daquilo que já foi verde e hoje se impõem crostas rugosas e cruas? Como desprezar o que foi beleza e humilhar o que teve tanto viço?

Quantas vezes Alzyra não tomou a liberdade de interferir nessa briga sempiterna e indesculpável. Myriam se defendia com unhas e dentes:

– Quando você não está aqui, minha filha, eu é que tenho que ficar recolhendo as migalhas de comida, os farelos de pão, os cabelos brancos que se espalham por toda a casa! Por seu lado Lusitano grunhia mais brabo ainda:

– E eu é que tenho que recolher os copos, pratos e panelas que ficam esquecidos em todos os cantos, além de esvaziar o vaso sanitário de papel higiênico acumulado durante a noite! Ademais, farelos de pão não matam ninguém.

Quando se cruzavam nas andanças necessárias pelos cômodos, provocavam-se com palavras sussurradas. Esses ataques tiveram fim quando Lusitano, passando por ela, atirou:

– Bruxa! Na volta, pois teria que estar ali de novo, ouviu Myriam contra-atacar:

– Corno!

Ele ficou branco. Perdi! – disse consigo mesmo – e derrotado abaixou a cabeça. Perdeu também horas de sono para descobrir com quem ela havia plantado os chifres na marido. Chegou à conclusão que só poderia ter sido com o vizinho eletricista que consertava, sempre sorrindo e de graça, todos os aparelhos elétricos que queimavam em casa. De graça? Parece que não.

Lusitano não era ingênuo e certo tempo até que desconfiou, mas não tinha como provar. Afinal, o cara era casado com uma morena arrojada que gostava de andar nua em casa. Assim que o casal brigava os vizinhos arranjavam

desculpa para aparecer. Os homens ficavam de um lado, conversando, bebendo cerveja e as mulheres do outro contando anedotas para dissipar as nuvens negras. A algumas trocas de olhar Lusitano, sem premeditar, rogou praga ao eletricista: “Por que esse sacana não morre eletrocutado?” Menos de cumprir um mês o cara morreu debaixo de descarga elétrica de não sei quantos mil volts. Preto como carvão, seu corpo esturricado cabia numa garrafa de Coca-Cola de dois litros. Myriam, descarada, foi consolar a viúva – e ambas choraram a perda no ombro da outra.

Depois de ver sua praga concretizada, Lusitano chegou a pensar que tinha o dom de ver realizados seus desejos. Imbuído desse sentimento passou a desejar a morte da velha. Mas adveio o tempo, a mulher não morreu e ele deixou de lado a ideia de que era deus, com poder sobre a vida dos outros. Ainda teria que aturar por muito tempo as reclamações de Myriam sobre os farelos de pão que se espalhavam pela casa e de como ela invejava o espírito alegre que Lusitano exibia ao voltar da rodada de cerveja com os amigos. Ainda teria muito tempo para ouvir as exclamações ditas com ódio:

– Pão! Pão! Pão! É só o que se come nesta casa! E esse hálito de cerveja! Esse bafo de cachaça!

Lusitano no íntimo se entregou – era mesmo viciado em comer pão. Todo prato de todas as culinárias só valia a pena se fosse acompanhado de pão francês, massa grossa ou Brigite. Por tempos tentou a conselho médico comer pães ditos especiais. Mas tirante o pão preto de cevada e o Provença, feito com massa especial, para ele nenhum se comparava ao crocante pão francês ou à Brigite, massa grossa. Todas as manhãs em que ia à padaria pegar o pão quentinho, ele não perdia a viagem: pedia um cafezinho para tomar comendo a casca torrada de um pão, jogando fora o miolo.

Se por acaso passasse pelas lojas de comida árabe carregava a sacola com dúzias de pão asmo, mais tahini, que em casa era enriquecida com azeite e salsa. Noutras ocasiões o pão árabe dobrado ao meio servia para o lanche reforçado com frios e toda espécie de verduras. Mil e uma utilidades tem o pão árabe, pois tudo, absolutamente qualquer coisa pode ser metida dentro dele e fica saboroso! Sim, Lusitano era viciado em pão. Aquela peleja insana teria fim se ele parasse de comer pão. Mas sua vida também teria fim. Portanto, a refrega continuava.

Para minimizar o estado belicoso a que o casal chegou, Alzyra teve a ideia de tornar habitável um quarto vazio que servia para guardar trastes e velharias. Depois de limpar as sujeiras e mofos, ela mobiliou com cama, guarda-roupa, radinho de pilha e TV de 20’, um ventilador que circulava o ar silenciosamente. Ficou ótimo. Quando achou que estava tudo arranjado, chamou os dois e deu a sugestão, em tom de pregação:

– Seu Lusitano, que tal se mudar para este quarto? Assim acho que não haverá mais motivos para brigas e a paz reinará sobre este lar. Que acham? Eu já estou farta de ouvir esse tiroteio verbal que não acaba nunca. A continuar assim pego meus trens e vou embora...

E ficou esperando a reação de ambos. Perder Alzyra? Jamais! Não sem surpresa Alzyra não ouviu nem um ai de exigência, a mínima reivindicação, nem qualquer protesto ou queixa que fosse pela sábia atitude que tomou. Pelo contrário, Myriam foi a primeira a concordar:

– Para mim está ótimo! Estou cansada de ouvir os roncos, cheirar peido e me alarmar com os gritos dos pesadelos que esse monstro tem à noite, coisa que me faz

sonhar que durmo com o inimigo ou assassino frio, cruel serial killer como vejo nos filmes americanos.

Lusitano olhou para Myriam, espantado com tão grave acusação. Logo ele que tinha a imagem a preservar; que era considerado e respeitado junto às autoridades como legítimo representante do bairro; que era Conselheiro da Amacaxa (Associação dos Moradores do Cachambi). Ser assim, sem mais nem menos, acusado de ser assassino frio e cruel, um *serial killer!* Ainda pensou no revide, se virou para Alzyra, mas logo se acalmou ao receber dela o olhar cúmplice, apaziguador. Também concordou com tudo, e pensou que assim teria mais chances de um dia poder desfrutar aquele corpaço moreno.

– Ai, Alzyra, me mata! – Disse para consigo.

Lusitano fez questão de falar em alto e bom som, evitando revidar a agressão verbal e com isso se diminuir perante ela:

– Para mim também está ótimo! Acho que foi grande ideia Alzyra. Parabéns! Considere esta casa como sua casa. Aqui você será sempre tratada como pessoa da família!

E fechou a encenação com um olhar desafiador para a bruxa velha. Assim se acertaram os dois para prorrogar a bélica coexistência, sem tiroteios e morte. Mas diminuiria o ranço? Não foi bem assim. Com exceção da instalação dessa fronteira tudo continuou de igual para pior. O farelo de pão era a munição que desandava o resto da vida do casal de velhinhos.

Certa noite, vindo da rodada de cerveja, Lusitano encontrou sua cama (que Alzyra deixava como sempre limpa e imaculada), avassalada por miríades de farelos de pão que cobriam toda a superfície do lençol branco. Branco, igual

como ficaram suas feições lívidas de raiva e ódio. Ele pegou um copo e recolheu as migalhas com toda paciência possível. Só parou quando o vasilhame estava quase cheio e não cabia mais nada. Deixou de lado o copo, levou o lençol até a área e sacudiu bem até ficar limpo. Depois voltou à cama e arrumou enfiando-o por debaixo do colchão, como aprendeu com Alzyra.

Bendita Alzyra, pensou, que só me ensina coisas boas. Minha vida seria bem pior sem ela. Imaginou como ela era alegre, chegava e voltava para casa com a mesma feliz disposição. Ainda mais era uma mulata gostosa. Lusitano se deitou com esses pensamentos, estirou as pernas na cama levemente perfumada com colônia (outra ideia de Alzyra), ligou a TV e ficou assistindo a partida de futebol. Quando o jogo terminou foi ao banheiro para as abluções noturnas. Voltou ao quarto e fixou o olhar demorado no copo cheio de farelos de pão. Conformou-se: a velha perdia o juízo, pensou. Quem vive em sã consciência tendo tanta maldade dentro de si?

Pegou o copo e se dispôs a despejar os farelos na lixeira. Ao passar pelo quarto de Myriam ouviu o sibilo típico do ronco, mais alto que o ruído do ar condicionado. Abriu a porta em silêncio e se aproximando do leito a viu com as pernas estendidas, deitada em decúbito dorsal, totalmente esparramada na cama. Dormiu com a TV ligada, que chiava na tela cheia de chuviscos. Na mesinha ao lado ela esqueceu o copo de leite pela metade.

Agora dormindo, talvez sorrisse em sono tranquilo, feliz com as maldosas provocações que fez durante o dia. Quando ela adormecia os olhos semiabertos como que fitavam o teto; a boca sempre escancarada era por onde respirava depois que operou sem sucesso o septo nasal. Lusitano por um segundo esqueceu todos os resquícios de bondade, as palavras pacientes que Alzyra propunha a ele e com os olhos

semicerrados despejou todo o copo de farelo na boca da velha.

****

– Coitada – disse o médico da família ao assinar o atestado de óbito – morreu sufocada com farelo de pão e leite. Ela tinha mania de comer isso deitada? Lusitano, que pensou apenas em dar um susto na velha aquiesceu consternado. Alzyra havia chegado e o consolava massageando a nuca para baixar a tensão. Diante do trágico fato ela se ofereceu para dormir em casa e ajudá-lo em hora tão difícil. Se não fosse Alzyra ter a sensibilidade de se oferecer, Lusitano não teria como fazer tudo sozinho, desde a papelada até o enterro da mulher. Ao fim da noite, tudo acabado, ainda teve tempo de beber cerveja com os amigos e caiu na cama.

Quando ele acordou às cinco da manhã encontrou Alzyra dormindo no quarto da finada. Tinha arrumado tudo, esvaziado o guarda-roupa, as cômodas e agora serenava o corpo negro sobre a colcha branca. A cama larga, vazia vastidão de deserto, o lençol de seda faiscando lascas de luz, agora se enfeitava de montes negros ondulados. Alzyra dormia com um dos braços levantado, a mão sob a cabeça, o sovaco, luzidio, plantado com cabelos crespos deixou a boca de Lusitano cheia d'água. Esfregando os olhos mal dormidos teve a ilusão de ver Alzyra sorrindo, chamando-o de braços abertos, os seios escapulindo para fora da camisola acetinada. De través dava para perceber a calcinha fio-dental de tule, delicada rendinha adornando a parte frontal. Lusitano delirava! E voltou a pensar que de fato tinha o dom de fazer seu pensamento se tornar realidade.

Rio de Janeiro, Cachambi, 2016/2017.

© Salomão Rovedo 2017

Imagem: http://www.trololodemulher.com.br